

3

Estudo de Caso

Ao longo dos capítulos anteriores viemos construindo nossa trajetória metodológica de modo a situar nosso objeto de estudo no tempo e espaço, e também o confrontando com o campo do design. Por fim, neste terceiro capítulo aprofundamos nossa pesquisa e nos voltamos para o estudo de caso que foi o Projeto Retalhos de Memória, desenvolvido em duas edições entre os anos de 2006 e 2009 com a participação de aproximadamente 150 mulheres idosas moradoras das cidades do Rio de Janeiro e Resende (R.J) , com o objetivo de resgatar e pesquisar nessas mulheres as técnicas artesanais com linhas e agulhas presentes em seus cotidianos. Procuramos ainda traçar um breve e atual panorama sobre o envelhecimento populacional no país e suas consequências para posteriormente a análise do desenvolvimento e resultados do Projeto Retalhos de Memória

3.1

Panorama atual e breve histórico do envelhecimento no Brasil

Nos próximos 20 anos haverá 224% a mais de idosos no mundo, o Brasil terá 30 milhões de idosos, que representarão quase 15% da população, esse fato ocorrerá devido às quedas das taxas de fecundidade e a diminuição gradativa das taxas de mortalidade infantil, além das melhoras nas condições e expectativa de vida dos indivíduos. Comparada aos demais grupos etários, na última década, a população idosa foi a que mais cresceu no Brasil. Nas últimas seis décadas o número de pessoas com mais de sessenta anos aumentou nove vezes, passando de 1,7 milhão em 1940 para 14,5 milhões em 2000.⁴⁵

Segundo Camarano (2002):

⁴⁵ Dados coletados do site do Ibge. Na pesquisa sobre o *Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios no Brasil* ano 2000. in: www.ibge.gov.br

*“O crescimento da população idosa é consequência de dois processos: a alta fecundidade no passado, e a redução da mortalidade da população idosa. Por um lado, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, fazendo com que a população idosa passasse a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, resultando no envelhecimento pela base. Por outro, a redução da mortalidade trouxe como consequência o aumento no tempo vivido pelos idosos, isto é, alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento”.*⁴⁶

A questão social da velhice foi produzida pela expansão da economia capitalista e das classes trabalhadoras, pois o idoso anteriormente amparado pela família e igreja, tornou-se uma questão pública que exige direitos e amparo do Estado. A cada momento histórico a questão do envelhecimento populacional ganha novas especificidades, questionamentos e reflexões da sociedade civil e estatal. Atualmente essa questão tem estado na pauta das discussões das políticas públicas no Brasil e em outros países do mundo, sobretudo nos países desenvolvidos, onde o envelhecimento populacional ocorreu de modo programado, e em um cenário econômico favorável.

Em relação às agendas internacionais de políticas públicas para a questão do envelhecimento populacional houve duas assembléias significativas lideradas pela ONU, a primeira Assembléia Mundial sobre o envelhecimento em Viena, no ano de 1982, pioneira em discutir e abordar o tema do envelhecimento populacional, que resultou em 66 recomendações para os países membros, visando o bem-estar social da pessoa idosa. O ano de 1999 foi estabelecido pela ONU como o ano Internacional dos Idosos, com o slogan *sociedade para todas as idades*. E, no ano de 2002 a segunda Assembléia Mundial da ONU em Madri que dedicou *atenção especial aos problemas derivados do processo de envelhecimento dos países em desenvolvimento*. O plano de ação fundamenta-se em três princípios básicos: a) *participação ativa dos idosos na sociedade, no desenvolvimento e na luta contra a pobreza*; b) *fomento da saúde e bem-estar na velhice: promoção do envelhecimento saudável*; c) *criação de um entorno propício e favorável ao envelhecimento*. (Camarano, 2004: 259)

A lei Eloy Chaves de 1923 estabelece o início da Previdência no Brasil, e constitui um marco que identifica a velhice no país como questão nacional. Então,

⁴⁶ Citação extraída do artigo: *Como vive o idoso brasileiro?* In. : *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Organização: Ana Amélia Camarano. p.26.

podemos considerar que, *o momento em que o estado transforma a questão da previdência privada da Sociedade Civil em questão pública, a cargo de suas instituições oficiais, sinaliza o surgimento da questão social do idoso e da velhice como problema nacional.* (Magalhães, 1989: 27)

A proteção e assistência aos idosos pelo Governo Federal têm início no ano de 1973, e consistiam em uma política assistencialista e de provimento de rendas realizado pelo INPS (Instituto Nacional de Previdência Social). Somente em 1994 (Lei 8.842) foi aprovada a Política Nacional do Idoso (PNI), que consiste em um conjunto de medidas que tem como objetivo assegurar os direitos sociais dos idosos. E depois de sete anos de tramitação no Congresso Nacional, o Estatuto do Idoso (Lei 10.741, outubro de 2003) entrou em vigor em 1º de Janeiro de 2004. O Estatuto é composto por 118 artigos que definem garantias legais aos idosos. Atualmente, o país conta com diversos meios para garantir o respeito e direitos da pessoa idosa, como Conselhos Nacionais, Estaduais e Municipais da pessoa idosa, disque idoso, SOS idoso, delegacias especializadas, Defensorias Públicas, etc. Além de centros de convivência para idosos, programas de esporte, cultura, lazer, a apropriação da mídia da questão dos idosos, e a necessidade da construção de uma imagem da velhice como uma etapa feliz, melhor idade, etc.

“No contexto atual, a questão do idoso e da velhice surgiu e tem sido tratada preponderantemente como questão de classe média, embora não seja nesta camada social que os problemas objetivos e materiais são mais graves, tal como acontece principalmente na região nordestina e rural, nas camadas urbanas de trabalhadores de menor renda e com grupos marginalizados”. (Magalhães, 1989:29).

De fato há conquistas no processo da elaboração e atuação de políticas públicas sobre o envelhecimento no país, mas essa questão no Brasil ainda exige grandes desafios e soluções para diversas áreas do conhecimento, afinal, o envelhecimento não é algo estático, está em constante transformação e modificações, traz consigo necessidades, urgências, adequação de políticas públicas e organização da sociedade civil para a convivência e amparo a esses novos idosos, que não podem ser definidos apenas pela idade cronológica, uma vez há uma grande heterogeneidade do segmento estudado.

3.1.1

Feminização da velhice

Entre a população idosa há um predomínio de mulheres, que têm uma expectativa de vida maior que a masculina; atualmente 55% dos idosos acima de 60 anos e 60,1% dos idosos acima de 80 anos são mulheres. As mulheres vivem em média nove anos a mais do que os homens, e a partir desses dados é possível observarmos um fenômeno universal que é a feminização da velhice.

O fenômeno da feminização da velhice está associado, com fatores como a maior longevidade das mulheres comparado com os homens, a maior presença relativa de mulheres na população idosa, principalmente nos estratos mais velhos, o crescimento do número de mulheres idosas que integram a população economicamente ativa. No Brasil houve um crescimento do número de mulheres idosas que são chefes de família, fato este ocorrido principalmente pelo aumento da seguridade social, viuvez, etc. No artigo *Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?* Camarano (2003) nos mostra que:

“Apenas um quarto das idosas de hoje trabalharam quando tinham entre quarenta e 59 anos. Hoje, chefiam metade das famílias onde vivem, contribuindo significativamente para o orçamento destas. Isto se deve em grande parte ao recebimento do benefício da Previdência Social. Ou seja, o que parece estar acontecendo é que as mulheres quando envelhecem, passam de seu papel tradicional de dependentes para o de provedoras. Esta, dentre outras mudanças, tais como o aumento das famílias de três gerações, tem levado a que os idosos, de uma maneira geral, estejam liderando uma mudança social de grande porte”.

No gráfico abaixo podemos visualizar o aumento da população idosa feminina em comparação com a masculina em um período de sessenta anos:

Gráfico 2
População Brasileira Idosa e Muito Idosa por Sexo, Brasil,
1940, 1960, 1980 e 2000.

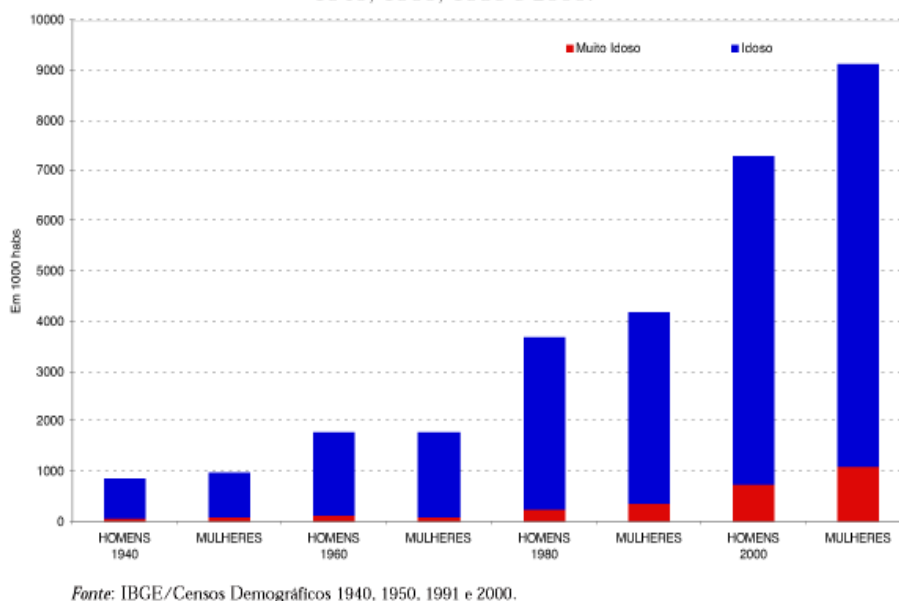


Figura 09: Gráfico IBGE.

Há diversas melhorias nas condições de vida dessas mulheres idosas, que ao contrário dos homens, tendem a participar mais de atividades extra domésticas, organizações sociais, religiosas, lazer, cursos e viagens. E estão liderando uma mudança de comportamento, atitudes e desejos frente a essa nova etapa da vida. Sabemos que as relações sociais são construídas sobre as práticas sociais e são a todo o momento reinventadas por indivíduos que formam uma “cadeia de atos” interdependentes que são modificados ao longo do processo histórico-social. Desta forma, o mesmo ocorre com a noção social de velhice, que a cada momento histórico ganha diferentes especificidades, questionamentos e novos olhares da sociedade civil, é importante refletirmos para o fato de que atualmente a mulher idosa a medida que é mais longeva e se mostra como agente de mudanças e transformações, é também a que exige maiores cuidados e apresenta piores condições de saúde no final da vida, uma vez que é mais longeva que os homens mas necessitam de mais cuidados. É importante refletirmos sobre a *questão do delicado equilíbrio entre ganhos e perdas que cabe a cada sociedade promover entre seus membros (...)* e fazer a inevitável pergunta afinal, a *feminização do envelhecimento vale ou não a pena?* (Neri, 2007:55). As atitudes, os fatos, as

realidades e os questionamentos não são definidos como homogêneos, pois assim como a pluralidade da cultura brasileira, o envelhecimento feminino no Brasil caracteriza-se por diversidades econômicas, sociais e culturais.

3.1.2

Envelhecimento e sociedade industrial

No processo de envelhecimento podemos constatar um fato comum que estimula o isolamento e a depressão da pessoa idosa, e está diretamente ligado com a perda da função produtiva e das estruturas de sociabilidade. Na sociedade capitalista, o status e as relações sociais estão diretamente ligados à produção, e envelhecer é para esta sociedade perder lugar, posição, domínio e força. E a respeito deste fato, Elias (2001), aponta que:

“O isolamento tácito dos velhos e dos moribundos na comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a quem eram afeiçoados, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança. (...) O fato de que, sem que haja intenção, o isolamento precoce de moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com velhos e moribundos”. (pg.08)

O fato de não haver em nossa sociedade um diálogo rotineiro com o idoso, acarreta a perda de muita sabedoria na forma de tradição oral e material. Entretanto, essa sociedade ignora o velho, rejeita e desconsidera sua sabedoria, nega sua capacidade de produzir e expressar-se. O dinamismo, a pressa e a descartabilidade da sociedade contemporânea são refletidos nas relações sociais dos homens, que não valorizam o velho, porque é velho, passado e é detentor de um tempo de outrora. Faz-se necessário que essa sociedade não retire de modo tão violento a capacidade produtiva do homem ao envelhecer, desconsiderando suas capacidades. A cultura e a sociedade são responsáveis em grande parte pela angústia, depressão e isolamento das pessoas idosas.

É importante, que o idoso rompa com essa visão e imposição da sociedade capitalista, desta forma, é importante a reinvenção do tempo livre e a ocupação desse tempo disponível.

“Somente no século XX ocorreu a democratização do tempo livre para a maioria da população, nas sociedades industrializadas. Por um lado, diminuíram as horas semanais de trabalho e ampliaram-se as férias, especialmente pelas lutas dos sindicatos. Por outro, aumentou o tempo disponível, principalmente após a aposentadoria. Com o aumento da longevidade, o período de tempo livre aumentou”. (Doll, 2007)⁴⁷

O idoso precisa estar vinculado ao presente, a projetos, idéias, desafios, criando perceptivas para o futuro, resgatando sua autonomia e participação social, *engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significados a nossos gestos cotidianos*. (Bosi, 1994: 80).

Os desejos e as vontades na pessoa idosa estão na maioria das vezes relacionados à realização de novos projetos, idéias, e a participação maior na vida social e familiar. Podemos visualizar esse fato através dos dados coletados na pesquisa *Vivências, desafios e expectativas na terceira idade* realizada pela Fundação Perseu Abramo⁴⁸, no ano de 2006, com 2136 idosos, cujos dados mostraram que os valores e atitudes mais importantes para os idosos são: 46% responsabilidade e 44% sabedoria, e em relação ao tempo livre, 72 % desenvolvem atividades em casa e 59% gostaria de fazer atividade fora de casa. E dentre essas atividades realizadas dentro de casa, 93% assistir TV, 80% ouvir rádio, 52% leitura e 16% atividades com agulha e linha, como bordados, tricô ou crochê.

A realização de projetos, a educação continuada e para o tempo livre são fatores importantes de serem incorporados nas atitudes e valores que permeiam o envelhecimento de homens e mulheres, e esse fatores devem ser incorporados pelo indivíduo anteriormente a chegada da velhice. Pois, se a expectativa de vida tem aumentado a cada momento, faz-se necessário uma educação e conscientização para utilização desse tempo livre.

⁴⁷ Extraído do artigo: Educação, cultura e lazer: perspectivas da velhice bem sucedida. *In. : Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. NERI, Anita org.) – p.110.

⁴⁸ Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo no ano de 2006, em parceria com o SESC (SP), e apresentada no livro *Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, organizado por Anita Liberalesso Neri – São Paulo: fundação Perseu Abramo, edições SESC, SP, 2007.

3.2

Habitus e mulher idosa

Ecléa Bosi (1994) ao afirmar que o velho quando se retrai do seu lugar social e se encolhe acarreta em perda e empobrecimento para todos, pois a velhice desgostada, ao *retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo*. Convida-nos a refletir e questionar sobre essas *mãos cheias de dons* retraídas que não produzem mais, mas que um dia produziram, ou ainda o que podem produzir essas mãos?

Há muita sabedoria na forma de cultural material guardada pelas mãos de pessoas idosas, um imaginário que se concretiza em saberes artesanais e técnicos que foram repassados de gerações para gerações. Artes e ofícios do cotidiano, saberes que muitas das vezes foram esquecidos pelo modo de produção industrial, devido a facilidade e rapidez da produção em série de novos objetos para usos do cotidiano.

Os artefatos feitos à mão e em casa devem ser considerados como objetos de grande inventividade associados ao ambiente que são produzidos, e pensar nessas técnicas e saberes aliados ao ato de costurar, tricotar e bordar é de certa modo, compreender o mundo social que vivem e que viveram essas mulheres, criadas em uma época em que esse fazer, essencialmente feminino, fazia parte dos vínculos de sociabilização primárias, apreendidas na esfera doméstica, transmitidos de mães para filhas, e também na esfera educacional nas aulas de trabalhos manuais, onde as meninas aprendiam bordar, costurar, fazer tricô, crochê, etc. Essas práticas cotidianas podem ser entendidas como o *habitus*, um princípio gerador de práticas classificáveis e capazes de definir estilos de vida, gostos, conduta e valores materializados na forma de conhecimentos, em metáforas práticas que produzem distinções sociais, culturais e etc.

O conceito de *habitus* que aqui apresentamos e fundamentamos nossa análise é o desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu ao longo de sua obra. De acordo com Setton (2002) o “*conceito de habitus tem uma longa história nas ciências humanas. Palavra latina utilizada pela tradição escolástica, traduz a noção grega hexis utilizada por Aristóteles para designar então características do corpo e da alma adquiridas em um processo de aprendizagem*”. (pg. 61)

Para Bourdieu (2008) *habitus* é um conceito que compreende inúmeras práticas presentes no espaço social que contribuem para a formação do gosto e das diversas classes sociais, do mundo social representado, ou seja, o estilo de vida. As práticas cotidianas que formam o *habitus* são relacionadas tanto com a produção e a classificação das mesmas como também práticas que representam a diferenciação dos gostos e estilos de vida. O sociólogo compreende o espaço social como uma representação abstrata, e a representação social como uma *subjetividade socializada*, pois o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais, ou seja:

“Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e subjetivo das individualidades. Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano”. (SETTON, 2002. pg. 63.)

As tentativas de compreender as práticas cotidianas, o estilo de vida, e o gosto como princípios geradores de propriedades específicas que nos possibilita percepções que são capazes de fornecer sentido na nossa análise. Fazendo-nos refletir que há nos estilos de vida sinais que são qualificados socialmente através de uma infinidade de *metáforas práticas*, que causam distinção social entre classes que se materializa no conjunto de práticas e propriedades que os indivíduos estão inseridos, ou seja, no contexto social.

A apreensão do *habitus* social ocorre por meio da transferência de valores nos espaços domésticos e institucionais, como a escola, por exemplo, por meio da inculcação de conhecimentos, ações e atitudes.

*“(...) um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar e constantemente repostos e reatualizados ao longo da trajetória social restante, que demarcam os limites à consciência possível de ser mobilizada pelos grupos e ou classes, sendo assim responsáveis, em última instância, pelo campo de sentido em que operam as relações de força”.*⁴⁹

⁴⁹ Miceli, Sergio. Citação do autor na introdução do livro *A economia das trocas simbólicas* de Pierre Bourdieu, o qual Miceli é o organizador. Pg. XLII.

A distinção presente nos estilos de vida e gostos de classe só poderá ser pensada em relação a outro espaço, em oposição, na negação do outro. Deste modo compreendemos que o *habitus* não está relacionado apenas com o simbólico, mas sim com o social, com a compreensão do mundo e compactuamos com a teoria de Bourdieu de centrar nossas análises não no discurso, no simbólico e no seu deciframento, mas no contexto social que preside à criação de sistemas simbólicos e sociais, na ação, centrando nossa mediação entre o indivíduo e a estrutura em que ele está inserido. O *habitus* permite que o contexto social se renove e se reinvente, organiza, e gera práticas individuais e coletivas.

Para compreensão dos mecanismos sociais e apreensão de determinado *habitus* que nos possibilite pensar sobre as experiências do cotidiano, é necessário analisarmos as condições sociais específicas, isto é o campo autônomo. E aqui nossa análise está centrada no estudo da apreensão de técnicas com linhas e agulhas por mulheres, hoje idosas. A transferência dessas técnicas ocorreu para essas mulheres em dois campos de socialização, o primeiro no cotidiano doméstico, e outro na escola, e foi legitimado por instâncias de consagração e circulação que foram as publicações e periódicos acessíveis a essa geração quando jovem.

E em relação a essa apreensão é interessante destacarmos que o consumo e aprendizagem dessas técnicas ocorreram de modo diferenciado de acordo com as classes sociais. Nas camadas ditas populares esse *habitus* ocorreu pela necessidade de aprendizagem de uma profissão e inserção no trabalho através de uma atividade profissional que fosse permitida as mulheres, como a de costureira, bordadeira, etc. E nas camadas abastadas, esse *habitus* estava distanciado da necessidade, e era apreendido por requinte, luxo, *hobbie* condições e práticas necessárias a formação de uma moça de fino trato.

A oposição entre as diferentes formas de apreensão de um determinado *habitus* e construção de gostos peculiares na teoria de Bourdieu classificados como *gostos de luxos e gostos de necessidade*, são princípios da diferença no consumo e apreensão do *habitus*, pois “(...) os primeiros caracterizam os indivíduos que são o produto de condições materiais de existência definidas pela distância da necessidade, pelas liberdades ou, como se diz, às vezes, pelas facilidades

*garantidas pela posse de um capital; por sua vez, os segundos exprimem em seu próprio ajuste, as necessidades de que são o produto”.*⁵⁰

As técnicas artesanais *inculcadas e apreendidas* no âmbito doméstico e educacional eram fundamentais na educação de uma moça no início e meados do século passado, fosse na forma de atributos essenciais para formação de uma boa e prendada esposa, mãe e rainha do lar, tanto na formação e qualificação profissional de moças pobres.

Esses saberes e técnicas eram compartilhados e divulgados também na esfera pública em publicações e periódicos semanais, como o *Clube das leitoras*, um suplemento dominical de O JORNAL na década de 1960/70, que era editado pela jornalista Elza Marzullo. Nas antigas edições do suplemento *Clube das leitoras*, donas-de-casa de diversos locais do Brasil se inscreviam no clube com um pseudônimo e se correspondiam, trocavam ideias, receitas, riscos de bordados, etc. Podemos observar a construção desse imaginário feminino e doméstico analisando essas correspondências, como por exemplo, as recomendações da editora às sócias do clube: *Transmita ao clube tudo quanto saiba ou venha a aprender e que seja de real utilidade*. As sócias do clube se autodenominavam abelhinhas, e referiam ao clube como nossa colméia. Nas correspondências entre as sócias é interessante observar a procura pelas receitas, as trocas dos riscos de bordados, como as correspondências de 30 de abril de 1972 para *Gauchita alegre: Peço as colegas que devolvam com possível urgência o molde da boneca dorminhoca e o alfabeto das cores, respectivamente. Estou precisando muito, pois pretendo servir a outras colegas*.

No periódico, da mesma década, editado pela Biblioteca de ARTE DE BORDAR, também é possível observarmos a manipulação e o reforço de tais valores pela narrativa publicitária ao enaltecer a importância desses fazeres na esfera doméstica ao transmitir mensagens que vão de encontro com o *habitus* imposto e como um *marketing* para venda de novas revistas, álbuns de bordados, riscos de enxoval de bebê, vestidos de noiva e etc., conforme apresentamos alguns exemplos abaixo:

⁵⁰ Bourdieu, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008. pg 169.

Álbum número 242: Cama e Mesa

Em qualquer lar o toque feminino é a graça do ambiente. Surpreenda seu espôso com uma linda toalha ou uma formosa colcha que a senhora mesma executará com as facilidades e belezas dos modelos deste álbum, tão prático e distinto.



Figura 10: Publicidade.



Figura 11: Publicidade.

Álbum número 250: A lingerie

Quanta mulher gosta de confeccionar sua própria roupa íntima, economizando... E aperfeiçoando seus conhecimentos? Êste álbum orienta o corte, a costura e o bordado de modelos muito finos e atraentes, duma elegância irrepreensível.

Álbum número 252: o lar, a mulher e a criança:

Blusas, camisolas, saias, casaquinhos, pijamas, toalhas, lençóis, guardanapos, barras, monogramas... Em riscos de aspecto encantador, fáceis de bordar e muito práticos. Para o bem estar e a beleza do lar, da mulher e da criança!

Os saberes técnicos, o imaginário e a persuasão que norteava essas narrativas publicitárias representam, sobretudo, um testemunho de atitudes, valores e ideias que permearam uma geração. Hoje, essa geração idosa ainda guarda esse imaginário na forma de histórias, lembranças, vivências, valores e também nas técnicas artesanais.

A persuasão na narrativa publicitária contribui para a sustentação do *habitus* social, não com um desejo real em mandar, em usar do poder, e da obediência, como define Everardo Rocha (1995): *Ela (comunicação de massa) pode certamente convencer, enganar, mistificar, mentir, persuadir, converter, iludir, engodar, seduzir e muitas outras qualificações tantas vezes atribuídas. Os adjetivos são legítimos, mas o fato é que essas qualidades não instauram propriamente uma ordem de comando, pois mandar mesmo, ordenar e, efetivamente, se ver obedecida é algo estranho – ou ao menos não é muito necessário – na experiência dentro da Indústria Cultural.*⁵¹

A narrativa publicitária, e os bens de consumo divulgados e consumidos por essas mulheres passam a ser entendidos como fenômenos agregadores de aspectos pessoais e sociais, nos valores e condutas de mulheres de uma geração que foram criadas para serem *mulheres prendadas*, que surpreendem os esposos ao bordarem uma toalha de mesa, e que com uma *elegância irrepreensível* confeccionam suas próprias lingerie, e ainda economizam; riscam cortam e costuram a roupa para seus filhos e marido.

Na grande Enciclopédia do lar (1944) essa narrativa é ainda mais esfuziante e persuasiva logo no prefácio da obra:

“Grande enciclopédia do lar, biblioteca de informações, conselhos e ensinamentos em torno da vida doméstica. Governar a casa é a arte bela e nobre que implica em conhecimentos teóricos e principalmente práticos relacionados com a educação e saúde dos filhos, a decoração interior, a higiene, os trabalhos manuais, a culinária, e uma série nada pequena de outros problemas que nem por serem miúdos e comezinhos dentro desse pequeno universo que é o lar”. (SCHWETTER, 1944)

Vale salientar que a presente Enciclopédia foi organizada com o fim de ser nas *famílias brasileiras o amigo e conselheiro de todas as horas*, e compõem-se de 10 volumes com os seguintes temas: trabalhos manuais, receituário doméstico, culinária, medicina doméstica, jogos, passatempos e histórias para crianças, até jardinagem, pomar e cuidados com a horta.

Esta narrativa publicitária de um tempo de outrora que seduziu algumas mulheres que ainda estão entre nós, na figura da avó, ou da tia avó, nos ajuda a

⁵¹ ROCHA, Everardo. *A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. pg 181.

compreender a persistência de sua funcionalidade e seus usos, contribuem para a classificação social, para o pertencimento a determinado grupo, tribo, ou clube, como o *clube das leitoras*, aqui apresentado, e nos permite ainda avaliar a trajetória dessas mulheres longevas, enraizadas num fazer ligado à tradição dessa atividade doméstica, entre nós.

Na publicação *Desenho profissional de costura e bordados para todo o curso de ensino técnico* (1941), é possível observarmos a narrativa presente nas publicações voltadas para o ensino técnico profissionalizante da costura e do bordado, o curso feminino de maior frequência escolar que possuía um programa dividido em quatro anos:

“1º ano: representação gráfica dos pontos de costura e pontos de bordado e pontos de malha.

2º ano: desenhar plantas do natural, colorir com lápis de cores e aquarela.

3º ano: transposição de desenhos ornamentais para desenhos profissionais, indicando claramente o ponto de bordado em que devem ser executados.

4º ano: moldes” (Magalhães, 1941)

Nesta mesma publicação a autora no prefácio expõe ainda a falta de publicações que auxiliasse o ensino dessas técnicas *“dentro duma matéria, por vezes designada diferentemente por uns e por outros, tentamos imprimir clareza e sistematização. Não existindo qualquer compêndio sobre esta tecnologia, Oxalá nós tenhamos preenchido a sua falta que tanto prejudicava o ensino”*.

E conforme vimos no capítulo anterior o estímulo por parte da narrativa publicitária e Estado em qualificar jovens profissionais na cidade de São Paulo é grande na década de 50, fato esse estimulado também disseminado pela rádio, como no programa radiofônico de corte e costura da rádio Globo, financiados pela revista *Fon Fon*, na aula do dia 05 de janeiro de 1951:

“Qualquer estudo na vida é bom, educa e eleva o sentido de valor, a qualquer criatura. É um dever de todo cidadão conhecer pelo menos o que é imprescindível ao meio social em que vive. A mulher de hoje aprende tudo, adapta-se a todas as carreiras que há um século pertenciam só ao homem, ela estuda datilografia, comércio, medicina, direito, enfim tudo que deseja ou que lhe seja possível. Tudo isso é digno, e é justo que ela possua esses conhecimentos com os mesmos direitos que os homens, porém, talvez 90% não possam durante toda a vida exercer essas profissões, por motivos vários, que as circunstâncias da vida obrigam, umas pelo casamento, outras pelo afastamento dos centros onde se trabalha fora do lar. A costura, entretanto, hoje, além de ser uma necessidade, é o melhor patrimônio

para a mulher, facilitando a exerce-la em qualquer parte do mundo e no próprio lar”. (Maleronka, 2007 p.82)

A inculcação presente em uma instância de legitimação como o rádio na década de 1950 nos mostra a necessidade de um *habitus* que possibilitasse a formação de trabalhadoras qualificadas para a indústria crescente. A hibridação que ocorre nesse primeiro momento, da transposição dessas técnicas domésticas para o espaço industrial, e produção em série de roupas prontas, nos demonstram que o *habitus* pode ser híbrido, não é algo que faz parte de uma tradição, e está ligada apenas a manutenção de determinada prática, mas se adapta as novas exigências e realidade dos indivíduos e o contexto do momento, é a ação frente à estrutura social do desenvolvimento do capitalismo.

Compreender o contexto social em que essas mulheres, com mãos cheias de dons, estavam e estão inseridas e resgatar esses saberes, é sem dúvida, contribuir para a manutenção e valorização de saberes na forma de objetos produzidos por uma determinada categoria, que possuem uma função utilitária, social além da riqueza e minúcia técnica.

3.3

Estudo de caso: Projeto Retalhos de Memória

*Retalhos de memória*⁵²

*“Muita gente
Muitas ruas
Muitos filhos
Muito amor
Muita desilusão*

*Muita fé
Muito chão
Muitos trilhos
Muita briga
Muita assombração*

*Muita chuva
Muita regra
Muita ruga
Muitos netos
Muito bolo e pão*

*Muita flor
Muita roupa no tanque
Muita dor
Muito dom
Muitas mãos*

*Às voltas com retalhos da memória
Se me falta alguma coisa sobra história*

*Com linha e agulha
De ponto em ponto
Em cada retalho
Canto um conto*

*Com mãos tão femininas
Realidade vira cor
O gesto de menina
Transformando pano em flor”*

⁵² Letra da música Retalhos de Memória que foi composta por Alexandre Fischer e Daniel Puig para trilha do multimídia de seis minutos produzido no final da primeira edição do Projeto Retalhos de Memória. Ano: 2006.

Através de uma pesquisa participativa, propus em minha pesquisa de campo trabalhar com mulheres idosas de camadas sociais populares resgatando histórias e memórias através das técnicas artesanais presentes no imaginário das participantes. O Projeto intitulado Retalhos de Memória foi realizado entre os anos de 2006 e 2009, em duas edições, e contou com a participação de aproximadamente 150 idosas. Essa pesquisa teve como objetivo o resgate de práticas artesanais com linhas e agulhas presentes no cotidiano das participantes. A pesquisa foi realizada com o apoio da Secretaria de Desenvolvimento Social e Solidariedade do município de Resende e a Ong Obra Social da cidade do Rio de Janeiro, e foi realizada em oito centros de convivência e lazer para idosos.

Essa pesquisa não teve como objetivo realizar uma amostragem quantitativa sobre as técnicas artesanais, o levantamento estatísticos dos saberes, e condição de vida socioeconômico das participantes, mas sim uma pesquisa participativa, onde estive presente em todas as atividades propostas, foi desde o início explicado às alunas o porquê de nossos encontros, desenvolvendo um vínculo de afeto e confiança no nosso relacionamento. As participantes não eram apenas o objeto de estudo, eram também sujeito, cheias de histórias, memórias e lembranças que foram resgatadas à medida que íamos resgatando as técnicas artesanais, pois o ponto central não era apenas o objeto em si, mas o que está por trás desse objeto, o contexto social em que o objeto foi apreendido, a memória pessoal, que também é coletiva, uma vez que são mulheres da mesma geração, e a inculcação desse *habitus* esteve presente na formação das mesmas.

É importante a compreensão de que em uma pesquisa participativa pesquisadores e pesquisados estão envolvidos de modo cooperativo e participativo, há um envolvimento no processo, que aqui se caracterizou pelo envolvimento afetivo e emocional, visto que meu objeto eram mulheres idosas de camadas sociais populares, objetos estes que carregam dentro de si uma vida de amor, de cuidados, não cabendo uma relação de frieza e distanciamento, compactuando com a idéia de que é um tipo de pesquisa *“que responde especialmente as necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios – as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - mas sim levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia*

que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência exterior.” (Gil, 2007:47)

A pesquisa teve início no mês de agosto de 2006 na cidade de Resende, com a participação inicial de 30 mulheres, oriundas de três centros de convivência da terceira idade de bairros distintos: Manejo, Paraíso e Cidade Alegria. Os Centros de Convivência são mantidos pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Solidariedade do município e subordinados diretamente ao PATI – Programa de Atendimento à Terceira Idade. Essa pesquisa foi apresentada para as participantes dos centros como uma atividade extra, uma vez que nesses espaços são oferecidos aulas de educação física, artesanato, coral, leitura e passeios, e etc. Desde o início teve um caráter de pesquisa, mas também de uma atividade, de uma aula, pois eram solicitadas atividades lúdicas, artísticas para facilitar os depoimentos e expressão das mesmas. Além do resgate das técnicas, foi proposto às participantes a realização de um trabalho coletivo e por fim montamos uma exposição com os trabalhos.

As atividades propostas eram um meio facilitador de compreensão da realidade social que essas mulheres fizeram e fazem parte. São mulheres oriundas de camadas sociais populares, moradoras de bairros operários com habitações tipo BNH, todas aposentadas, vivendo a maioria com salário mínimo, e grau de escolaridade baixo, algumas analfabetas. São também vítimas da exclusão social, e do processo de depressão comum nessa faixa etária, e suas inserções nesses centros são por via do desânimo, da falta do que fazer, na busca por um passatempo, incentivadas pelas colegas, médicos geriatras e propaganda institucional por parte da Prefeitura.

Dentre as atividades propostas podemos destacar desenhos, leitura de poesias e contos, confecção de boneca de pano, cirandas e músicas, todas as atividades eram associadas a um tema específico, por exemplo: família, infância, lar, casamento, etc. Essa pesquisa teve a duração de um ano e ocorria semanalmente em encontros de duas horas em cada unidade distinta, ou seja, eu estava presente em três centros de convivência somando seis horas de trabalho semanais, concentrada em dois dias da semana. Os temas trabalhados evocavam as lembranças e as memórias afetivas, o cotidiano, a vida dura, a infância, o vestido de casamento, e as técnicas artesanais tão presentes na vida dessas mulheres. A

memória afetiva e coletiva que está por trás de cada lembrança e cada episódio proporcionou o reviver de fatos que foram perdidos, *fato que ninguém mais quer saber como me relatou* uma aluna.

Em suas incursões sobre as lembranças dos velhos, Ecléa Bosi (1994) em seu belíssimo trabalho *Memória e Sociedade* procura compreender os diferentes tipos de memória e realiza um registro de histórias de vida de idosos moradores da cidade de São Paulo, e nos faz refletir sobre o fato de que uma das funções sociais do idoso é lembrar e proporcionar as gerações mais novas a *essência da cultura através da fidelidade da memória*. E acrescenta que os idosos são responsáveis pela memória familiar, institucional e social, *o reviver do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então das nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar*. (pg. 74) Porém a nossa sociedade não permite ao velho que ele cumpra esse papel social que é lembrar, pois o idoso é visto como uma ferida e o diálogo entre gerações é pouco frequente. A possibilidade de resgatar as lembranças traz para essas mulheres o reconhecimento a possibilidade de mostrar suas conquistas, sua competência, pois envelhecer significa perder sua força de trabalho e força física, e neste momento, elas deixam de existir, as lembranças se perdem, e ficam os apelos, como o pedido pelo Senhor Amadeu, e registrado por Ecléa Bosi, para que os jovens tenham tolerância com os velhos, pois *eles também trabalharam*. (p.481)

Entre os temas trabalhados com as alunas, nesta primeira edição da pesquisa, um que meu chamou bastante atenção foi o da moradia, pois sabemos que o lar é de grande importância para qualquer indivíduo, seja ele de qual classe social for, mas aqui, esse tema proporcionou para as participantes a reflexão e auto-estima ao falarem do sacrifício em obter essa casa, sobretudo no bairro da cidade Alegria, construído na década de 1970 pela Prefeitura e financiado pelo sistema de crédito popular BNH – Banco Nacional de Habitação. O interessante foi a admiração das participantes no meu interesse sobre a casa delas, localizada em áreas marginalizadas, com construções precárias não concluídas. E diante deste fato, após ter pedido que desenhasse sua casa e narrassem histórias sobre as mesmas, propus ao grupo um passeio pelo bairro, onde elas seriam as guias

turísticas e me apresentariam o que achavam mais bonito. Foi uma experiência muito gratificante e rica que despertou muitas lembranças como as apresentadas abaixo:

“(...) estou satisfeita com a minha casa. Estava casada de pouco, grávida e escutei um boato de inscrição de casa lá na exposição, achei que fosse mentira pois meu marido estava bicado de cerveja. Me arrumei com um vestido estampado com uma sandália, pus minha bolsa de brim com os documentos, só eu tinha a bolsa. Um sol, uma fila enorme, o pessoal suava, eu levei a sombrinha e fiquei firme, quis mostrar que eu era capaz de esperar. Quando chegou minha vez não parava de rir, a moça perguntou porque eu ria tanto, e eu falei: Graças a Deus vou ter minha casa”! Rosinéia Farias, 70 anos.

“Já faz 35 anos que eu moro na cidade alegria, para mim parece um sonho porque eu nunca tive uma casa própria, sempre paguei aluguel. Quando eu vim para cá era muito triste porque não tinha luz nas ruas e nem asfalto era só barros e lama, você tinha que sair com um sapato no pé e outro na bolsa. As casas eram todas iguais, muitas das vezes eu entrei em casa errada”. Aricleia Maria, 68 anos.



Figura 12: Desenho da Casa- Maria Alves Teixeira.

Esse desenho e depoimentos nos mostram que essas formas contêm um significado que permeia a existência dessas mulheres, que lutaram para conquistar o pouco que tem, são repletos de metáforas que simbolizam o contexto social em que estão inseridas. Como a imagem da colcha de retalhos que era sempre relatada pelas mulheres como um artefato presente em suas casas e as brincadeiras com os retalhos de tecido na infância, que eram transformados em bonecas, roupinhas. A partir destes relatos, sugeri que trabalhássemos com retalhos de tecido, um material fácil de conseguirmos, uma vez que não havia recursos disponíveis para compra de materiais específicos para o trabalho das participantes, foi então que as mulheres idosas se organizaram e conseguiram retalhos de tecidos com as vizinhas, em pequenas confecções dos bairros. Neste momento, indaguei sobre quais os trabalhos que sabiam realizar com retalhos de tecido, e além da colcha de retalho, que é um artefato muito utilizado em casas populares brasileiras como uma possibilidade de utilização e reaproveitamento de sobras de tecido, a técnica mais relatada foi a do fuxico, que é um círculo de tecido alinhavado nas extremidades e franzido formando um módulo redondo que quando costurado a outro vai formando um tecido, utilizado na confecção de colchas, almofadas, bolsas, etc. Não obtive nenhuma referência em publicações, revistas sobre a história do fuxico, e onde surgiu, porém o folclore popular atribui esse nome *fuxico* ao fato da conversação, da fofoca e mexericos das mulheres que se reúnem na hora da confecção dos mesmos. Confeccionar fuxicos é uma maneira criativa e barata de criar peças e reaproveitar sobras de tecido. É uma técnica que nas últimas décadas foi incorporada pela indústria da moda, design e arte, sobretudo pela influência do trabalho da Coopa Roca em legitimar e instituir visibilidade para esse artefato.

Propus as participantes que cada uma construísse um painel de medida 80 x 60 cm utilizando fuxicos e outras técnicas artesanais que sabiam que ilustrassem uma memória da vida de cada uma. No final, devido à beleza dos trabalhos realizados, resolvemos uni-los e fazer



Figura 13: detalhe do trabalho em fuxico.

uma exposição, o trabalho unido chegou a 28 metros de comprimento, um caminho de técnicas e histórias que ilustravam através de práticas domésticas com linhas e agulhas a vida das participantes. É importante esclarecer que no momento da confecção dos painéis, procurei distanciar-me do processo de elaboração do projeto individual de cada trabalho, deixando cada participante envolvida em suas lembranças, técnicas, ilustrando o que desejassem.

Os trabalhos realizados foram de uma criatividade ímpar, nos mostrando a potencialidade dessas mãos cheias de dons, transformando os fuxicos em flores, casas, animais, igrejas, flores e mapas, de acordo com a criatividade e desejo de cada uma. A cada semana que eu chegava para nossos encontros, as participantes orgulhosas exibiam mais e mais retalhos conseguidos, alguns viam de longe, como um saco que uma irmã enviou de Juiz de Fora/M.G no ônibus para as participantes, que ficaram completamente envolvidas nas lembranças como nos mostra os depoimentos abaixo:

“Foi muito positivo, pois me levou as lembranças de quando minha tia dava aulas de corte e costura para muitas alunas, e nas mesas, no chão, por toda a parte da sala ficavam retalhos multicoloridos. Quando as alunas iam embora, minhas irmãs e eu recolhíamos os mais bonitos para confeccionar roupas para nossas bonecas, ou toalhinhas de mesa. Eram ótimos para nossas brincadeiras de casinha”. Daleni de Souza, 60 anos.

“Lembranças das senhoras que confeccionavam vários trabalhos com pequenos pedacinhos de panos que costurados formavam tapetes, colchas, bolsas e variados trabalhos manuais”. Janice Andrade, 62 anos

“Eu e minhas irmãs ficamos ali em volta da minha mãe pegando os retalhos para fazer roupa de boneca, para fazer bruxinha, e vestir as bonequinhas. Naquela época usava: calça e corpinho, combinação, era combinação, uma porção de roupa para gente, né? Tudo assim, chita, pano de chita que minha mãe comprava no mascate”. Vitória, 80anos.

“Quando eu era adolescente e morava em um sítio, então quando chovia muito minha mãe pegava um vestido velho, rasgado, ela descosturava, passava ferro na brasa, fazia rodela com papel costurava e ia fechando os fuxicos, acabava a linha, ela pegava pano de saco e tirava as linhas e fizemos uma toalha de mesa para uma mesa enorme, essa toalha ficou até ela se acabar”. Terezinha, 65 anos.

“Nós viemos para cá, uma procura retalho, uma empresta, outra ajuda. Uma coisa maravilhosa. Uma andorinha só, não faz verão”. Maria da Glória, 68 anos.



Figura 14: Participante costurando.

A realização de um projeto de uma ocupação que despertasse as lembranças e também a possibilidade de trabalhar com as mãos a partir de técnicas que essas mulheres já conheciam, deu um significado novo na vida das participantes, a valorização de que sabiam alguma coisa que parecia ser importante, uma vez que conversamos muito sobre a aprendizagem desses trabalhos, e importância dos mesmos. A exposição foi realizada no mês de Setembro na ocasião da primeira Semana Cultural do Idoso desenvolvida pela PATI, na abertura da exposição estavam presentes as autoridades locais, os familiares, e as mulheres arrumadas, maquiadas, uma verdadeira transformação. A Prefeitura custeou um coquetel para os convidados e com o apoio de amigos designers e músicos fiz um multimídia de seis minutos que contém o processo, alguns depoimentos e as imagens dos painéis, além da música que foi gravada de modo caseiro para apresentação. Abaixo alguns depoimentos que demonstram a satisfação com a participação no trabalho:

“Esse trabalho para mim é muito importante, pois além do trabalho temos muitas amigas e faz a gente esquecer dos problemas, das magoas. O painel é uma união, cada uma deixa seu recado para realizar os sonhos”. (Quintilhiana do Carmo, 66 anos.)

“Adorei essa parte de recordar meus irmãos, de recordar a infância”. (Vitória 80 anos)

“Muito importante, pois estou no meio do povo, eu gosto de ficar no meio do povo, não sou triste. Trabalho manual é muito importante na minha vida”. (Alaíde de Castro, 63 anos.)



Figura 15: detalhe do painel de fuxico.

“Para mim é muito importante, passatempo, distraí, é muito bom, pois as pessoas podem ver o que a 3ª idade está fazendo, temos que fazer alguma coisa para mostrar”. (Ana Rosa da Silva, 64 anos.)

Esse trabalho realizado no ano de 2006 foi inscrito para um prêmio do Ministério da Cultura, o 1º Prêmio de Inclusão Cultural da Pessoa Idosa – 2007, promovido pela Secretaria da Identidade e Diversidade Cultural com apoio e recursos da Petrobras. O Projeto Retalhos de Memória foi a terceira iniciativa premiada dentre as vinte contempladas pelo Prêmio em mais de 350 iniciativas inscritas de todo o país. O prêmio significou a possibilidade de ampliação da pesquisa com a inclusão de mais mulheres, a compra de materiais necessários para execução de um projeto mais elaborado com os recursos recebidos no valor de vinte mil reais. Com essa quantia o Projeto Retalhos de Memória conseguiu adquirir materiais específicos para a documentação e registro da pesquisa, como uma máquina filmadora, um gravador de voz, uma diversidade de materiais de aviamentos, muitas linhas, tecidos, rendas, botões e etc., além da montagem de uma exposição e produção de um DVD de 12 minutos. A premiação gerou um grande entusiasmo nas participantes que prontamente desejaram participar da segunda edição do projeto e pesquisa. Porém nesta edição, a participação não foi apenas de mulheres moradoras da cidade de Resende, mas através de uma

parceria com a Ong Obra Social da cidade do Rio de Janeiro, trabalhei também com participantes das casas de convivência mantidas por essa Instituição nos bairros de Copacabana, Tijuca, São Conrado (moradoras da Rocinha) e dois espaços no bairro de Botafogo, um situado na Rua São Clemente e outro na Rua Sorocaba. Somando um total de aproximadamente 100 mulheres oriundas de oito casas de convivência nas cidades de Resende e Rio de Janeiro.



Figura 16: Participantes costurando e bordando

O perfil socioeconômico e cultural das participantes era bastante variado, mas sendo a grande maioria mulheres aposentadas, de camadas sociais populares, e mesmo que ainda moradoras da Zona Sul do Rio de Janeiro, uma classe média empobrecida e uma grande parte moradora do Morro Dona Marta e da Favela da Rocinha. O trabalho teve a duração de seis meses, com atividades semanais de duas horas de duração em cada unidade distinta, vale dizer que as aulas foram todas ministradas e filmadas por mim mesma, que tive apenas o auxílio de uma estagiária no final do projeto e uma equipe para roteiro, direção e preparação do DVD, e exposição. A logística aconteceu de modo bastante programado, com a permanência dos materiais necessários em cada casa, bem como o cronograma das aulas que foi o mesmo para todas as unidades. Os custos foram pagos com recursos do prêmio, inclusive a montagem da exposição e produção do DVD.

Nesta edição o projeto propôs as participantes um trabalho sobre identidade, e o resgate das técnicas artesanais com linhas e agulhas. O trabalho central que gerou a exposição e norteou o projeto foi uma intervenção das participantes em suas fotografias faciais impressas no tecido de algodão, e teve como objetivo promover a reflexão sobre o envelhecimento, e a vida de cada mulher e a investigação no trabalho da relação que é estabelecida diante do contato com a própria imagem, e com as técnicas artesanais de produção presentes no imaginário da mulher idosa brasileira.

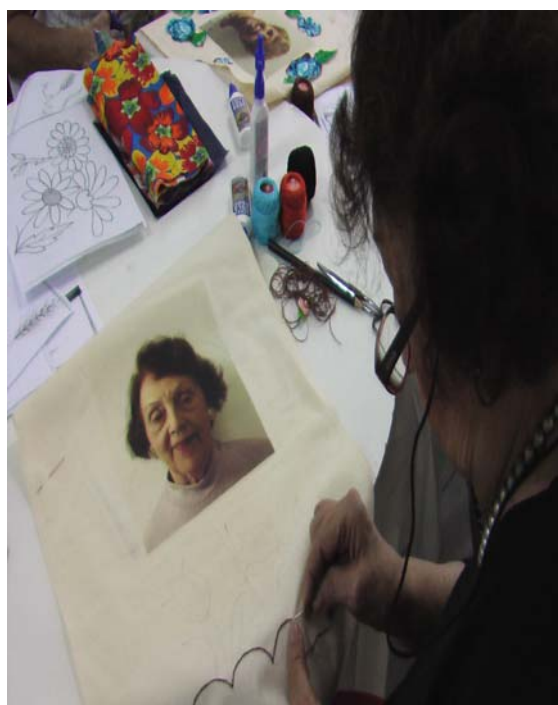
Conforme a edição anterior, no início das atividades foram propostas atividades lúdicas e artísticas com o objetivo de criar vínculos afetivos com as participantes e facilitar a abordagem do tema principal. Os recursos utilizados nas aulas iniciais foram contos sobre a história do tecer e bordar ao longo da humanidade, depoimentos, músicas e a cada encontro era solicitado as participantes que produzissem um pequeno trabalho utilizando as técnicas que sabiam. Deste modo, durante esse processo, as mulheres tiveram a oportunidade de relembrar pontos de bordado, de crochê, fuxico. Foram surgindo álbuns de bordado, histórias e lembranças, roupas de batizado que fizeram para os filhos, e etc. A variedade de materiais disponíveis foi de grande importância e estímulo para as idosas, muitas delas sem acesso a diversidade de materiais, que são naturalmente bonitos e lúdicos.

O trabalho com a imagem, objeto de grande interesse na área do design, tem início após um mês de preparação com atividades diversificadas e é iniciado com a dinâmica do espelho onde as participantes se olham e respondem a seguinte pergunta: *o que eu vejo nesse espelho?*

Através dessa pergunta, e diversas atividades propostas, as participantes entram em contato com suas imagens, e tem-se o início de um processo de reflexão, de subjetivação e (re) construção de identidades sociais fragmentadas, uma vez que esse contato gerou em algumas participantes questionamentos e dificuldade em reconhecer-se, pois muitas delas, perderam o hábito de se confrontarem com o espelho, esse artefato que acompanha, reflete o desenvolvimento e mudanças dos indivíduos. Para Baudrillard (1993), *o espelho, objeto de ordem simbólica, não somente reflete os traços do indivíduo como acompanha em seu desenvolvimento o desenvolvimento histórico da consciência.* (pg. 28).

Essa noção de desenvolvimento da consciência individual através do olhar-se no espelho pode ser mais bem compreendida através da análise de Lacan, no artigo *O estádio do espelho*. Para Lacan (1998) as crianças, em idade muito tenra, já são capazes de reconhecer suas imagens no espelho e *experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações*. E nos mostra ainda, que a “*forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada com Gestalt, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída*.” (pg. 98).

Não possuímos uma opinião fechada sobre esse assunto, contudo, acreditamos que o processo do Estádio do espelho é algo inacabado e, em constante formação e (re) adaptações, e que em cada etapa do desenvolvimento, uma *forma total* desse corpo ganha novos significados e funções, pensar sobre esses significados e transformações é necessário, entretanto em uma etapa da vida, como a velhice, pensar sobre si é algo difícil e em muitos momentos doloroso, pois mirar-se com uma fisionomia enrugada e transformada pelo tempo e perceber-se velho é de certo modo, questionar como Cecília Meireles, na poesia *Auto-retrato*:



Auto- Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.*

*Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra.*

Eu não dei por esta mudança,

*tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?*

Figura 17: Participante bordando tecido com sua imagem.

Defrontar-se com a imagem de si, e questionar sobre a imagem envelhecida, traz estranhamento, medos, angústias para essas mulheres, porém a reflexão do que representa envelhecer traz sentimentos de força, coragem, sabedoria e maturidade. Para efeito de nosso projeto, acreditávamos que poderíamos contribuir para que as imagens pudessem dar suporte à discussão de forma prática trazendo a questão da desfuncionalização do idoso e a ausência de identidade social.



Figura 18: Idosa observando sua imagem

As participantes foram fotografadas e através de um processo de “transfer”, suas imagens são impressas no tecido de algodão, para serem, interferidas com técnicas artesanais diversificadas.

A fotografia é realizada no enquadramento frontal, tipo 3 x 4, interessando as feições do rosto de cada participante, promovendo uma possibilidade de pensamento e reflexão sobre cada mulher retratada, que materializa-se em objeto na imagem impressa no algodão, onde cada mulher cria uma moldura poética ou afetiva a respeito de si.



Figura 19: Idosa e seu trabalho.

O retrato facial remete a identidade e identificação, permite uma infinidade de significações, *é um fragmento do indivíduo, que contém virtualmente o todo, a memória fantasmagórica do eu aprisionado na fotografia (...), sugere, portanto a existência de um indivíduo singular e dotado de interioridade, de um eu que não se perde na sua representação.* (LAVELLE, 2003).

Há nos rostos humanos uma forma de individualização que é uma das características da nossa espécie, não sabemos de que modo essa individualização e unicidade se originaram, possibilitando as características distintivas entre os indivíduos.

“É que o rosto específico de uma pessoa, ao se desenvolver, desempenha um papel central, talvez o mais central, em sua identidade como essa pessoa em particular. Embora a forma específica das outras partes do corpo decerto também seja importante na identificação da pessoa, nenhuma delas se acha inequivocamente no centro de sua identidade-eu, tanto na consciência de outrem como na dela mesma, quanto seu rosto. E é o rosto que mostra com mais clareza a que ponto a identidade-eu está vinculada à continuidade do desenvolvimento, desde a infância até a extrema senectude.” (ELIAS, 1994. pg. 155).

A data prevista para entrega dos painéis foi esperada com bastante ansiedade pelas mulheres, que questionavam-me sobre a imagem, pois após fazer as fotos, foi necessário a configuração especial no computador e o envio para a loja responsável pela impressão no tecido. Diversas foram as reações, muitas riram e brincaram com as colegas, dizendo que colocariam a foto na cozinha para espantar as moscas e formigas, outras acharam bonita, a grande



Figura 20: Idosa e seu trabalho.

maioria atentou para o fato das rugas e envelhecimento, expressões do tipo: *como estou velha!* Mas as imagens foram acolhidas com bastante carinho e cuidado pelas participantes que levaram para casa e compartilharam com os familiares e amigos. Em uma casa, no bairro da Tijuca, uma idosa que havia sido fotografada ao receber a foto chorou desesperadamente e não se reconheceu na imagem, dizendo-me aos prantos que não era ela, que eu havia manipulado a imagem, que ela não era tão velha daquela forma, que quando ela se via no espelho ela não via uma imagem tão envelhecida. Confesso que foi uma situação bastante difícil, mas totalmente previsível por mim e pelas responsáveis pela casa, que foi solicitado de antemão que no dia da entrega das imagens às psicólogas das Instituições estivessem presentes nas casas caso ocorresse esse tipo de reação.

Das cem mulheres fotografadas, todas participaram e trabalharam nas imagens, menos essa senhora da Tijuca, que mesmo com muito esforço e cuidado não consegui que ela participasse do trabalho. Nos depoimentos abaixo, alguns registros sobre a fotografia:

“Esse pano aí com a minha fotografia é uma arte”. (Olga Nunes 67 anos.)

“Expressei tudo que tinha dentro de mim no retrato. Eu adorei meu retrato”.

(Clarisse Marques, 65 anos.)



Figura 21: Idosa bordando sobre sua imagem.

“Amei! Achei mais bonito do que eu mereço”!

(Lucy Elisom, 75 anos.)

“A foto não gostei, mas estou gostando de trabalhar em cima dela”.

(Sueli Cordeiro, 68 anos.)

“Eu queria que isso daqui nunca acabasse, está me dando vida”.

(Cícera de Paula, 61 anos.)



Figura 22: Idosa observando seu retrato.

“É um projeto que abre muito a mente da gente”.

(Glória Silva, 78 anos.)

“Amei, o trabalho não sai da minha mão.”

(Sebastiana Fransisca, 73 anos.)

Quando eu vi a foto, lembrei de quando era criança, das partes boas e ruins.”

(Neusa Martins, 61 anos.)

“Vou colocar uma moldura e pendurar na parede na minha casa”! (Eulita, 70 anos.)

“*Eu não gostei da foto, fiquei achatada...*” (Nadir Moreira, 73 anos.)

“*Estou adorando a foto, mostrei para todo mundo.*” (Maria Olinda, 83 anos.)

“*A gente envelhece e precisa aceitar que envelheceu.*” (Lindaure, 67 anos.)

É interessante observarmos o contexto social em que cada idosa está inserida, pois esse contexto é responsável pela forma de ser e agir de cada uma, refletindo inclusive nos trabalhos e depoimentos realizados, em linhas gerais destacam-se algumas características marcantes que ao longo da pesquisa pude observar em cada casa e em suas participantes. Em Resende as mulheres são mais humildes e o acesso a informação é menor, são prendadas, realizam os trabalhos com bastante empenho, e moram ainda com seus maridos, e familiares. São participantes ativas das casas e pela dimensão da cidade, a grande maioria é vizinha da unidade, gerando deste modo uma interação com o ambiente familiar, vizinhança, levam lanches para as amigas, cuidam das casas, organiza-se para a manutenção e valorização desses espaços.

Na cidade do Rio de Janeiro, o amor pelas casas também era unânime, porém a relação estabelecida é mais distante, devido à característica de um grande centro urbano. Nas casas da Tijuca e da Rua Sorocaba as mulheres eram mais tradicionais, mais contidas em suas expressões e mais religiosas, gostavam muito de trabalhos manuais, e eram as que mais freqüentemente traziam seus trabalhos de antigamente para que eu pudesse ver. Na Rua São Clemente a casa era localizada na praça aos pés do morro Dona Marta, muitas participantes eram moradoras da comunidade e outras do bairro, participativas e carinhosas, gostavam de trabalhos manuais e eram bastante solícitas umas com as outras, entrei na casa no mês de sua inauguração, e esse fato fazia com que o desejo por amizades transformasse a aula em um espaço de conversação e cooperação também. Em Copacabana, as mulheres mais idosas e também as mais vaidosas, talvez refletindo o espírito do bairro era “as mais cocotas”, menos tradicionais, a maioria morava sozinha, almoçava nos diversos restaurantes de comida a quilo do bairro, e bastante independentes, as que menos gostavam de trabalhos

manuais com linhas e agulhas, gostavam de cantar e dançar, mesmo não gostando muito dos trabalhos manuais, participaram com alegria. Na Rocinha, todas as mulheres eram nordestinas, separadas do marido, aposentadas como empregadas domésticas, inclusive uma que foi empregada por vinte anos da família Chateaubriand e pela aprendizagem com eles, conhecia algumas obras de arte. Mulheres muito sofridas e fortes, mãos cheias de dons, uma facilidade com a agulha, filhas de nordestinas rendeiras, chegaram ao Rio de Janeiro no pau de arara, carinhosas, recebia semanalmente presentes como biscoitos, bala de coco e mudas de plantas.

Essa breve descrição nos mostra que os contextos sociais em que estão e estavam inseridas são diferenciados, porém são contemporâneas, e hoje idosas. A apreensão das técnicas artesanais com linhas e agulhas se deu de modo diferenciado, porém a aprendizagem ocorreu no cotidiano dessas mulheres quando menina. Esse fato, não faz com que todas as participantes gostem desses trabalhos, e tenham boas lembranças. Mas a grande maioria gosta, identifica-se com as técnicas e tem recordações positivas. À medida que as técnicas eram lembradas, uma ia ensinando à outra, sobretudo os pontos de bordado livre, que há muito tempo elas não praticavam.



“Eu me dediquei muito ao crochê que era o que minha mãe sabia, e o bordado que minha mãe também me ensinou, diversos tipos. O tricô eu aprendi no Colégio Divina Providência com 7 anos, aos 10 minha mãe estava grávida da minha irmã e eu que fiz o sapatinho.” (Ivone Keller, 84 anos.)

“Eu estudei no primário no colégio de freira, a gente era preparada para ser dona de casa, para casar, aprendi costurar, bordar, culinária”.

(Neusa Martins, 61 anos.)

Figura 23: Trabalho de participante.

“É a recordação daquilo que se fazia há muito tempo, vai esquecendo o que é bordado, trabalhos manuais”. (Maria da Graça, 64 anos.)

“Eu voltei a infância, quando eu era garota, eu bordava esse bordadinho que eu fiz aí mesmo, depois desses anos todos, faziam uns 50 anos que eu não pegava na agulha para bordar”. (Rosa Melo, 67 anos.)

“Volta a recordar aquilo o que a gente aprendeu”. (Dinéa de Macedo, 68 anos.)

“Eu sabia tudo, mas estava tudo esquecido, relembrei tudo: bordado, fuxico”. (Maria Paula, 70 anos.)

“Nunca gostei de trabalhos manuais, mas no colégio eu era obrigada a fazer, nunca mais eu fiz”. (Maria de Lourdes, 70 anos.)



“Costurar para mim é arte, bordar também é arte, tricotar também”. (Juraci da Conceição, 61 anos.)

“Eu nunca bordei, o que eu fiz foi um milagre”. (Marilza Mitrano, 72 anos.)

“Eu morava na roça, então a gente fazia esses trabalhinhos aí para passar o tempo”. (Luciana Dias, 64 anos.)

“Minha mãe fazia renda de almofada no Ceara, e eu aprendi, mas nunca mais fiz”. (Maria Costa, 67 anos.)

Figura 24: Trabalho de participante.

Esse trabalho e pesquisa nos comprovam que o conceito de *habitus*, a apreensão de práticas e condutas na esfera doméstica só são possíveis caso possamos compreender ao nos determos no contexto que está por trás desses modos de ser e agir, das práticas sociais. O cotidiano é muitas vezes esquecido, e visto como algo natural, algo que sempre existiu, porém é nesse espaço que o povo inventa e (re) inventa suas práticas individuais e coletivas e nos mostra que esses artefatos são carregados de um simbolismo e guardam consigo a essência

da cultura material brasileira. Se não houver uma esforço social para sua preservação ele desaparecerá.

Os trabalhos das participantes nos ajudam a comprovar a variedade de técnicas apreendidas nesse cotidiano, panos repletos de uma diversidade de pontos de bordado, crochê, tricô, frivolidé, fuxico, confecção de flores de diversas maneiras, nos mostrando a riqueza técnica guardada nesse imaginário. É realmente impressionante a minúcia e beleza desses trabalhos, que através de um projeto, mulheres idosas puderam dar significado as essas técnicas artesanais, lembrando da aprendizagem, das histórias e realizando um trabalho que fosse além dos pontos, um trabalho *diferente*, que foi aplaudido pelos familiares e amigos no dia da abertura da exposição. Mulheres que deram entrevistas para canais de televisão e tiveram seus rostos expostos na tela da TV. E mesmo que por um instante, saíram do anonimato total e apareceram, que gentilmente contribuíram com essa pesquisa e confiaram nesse trabalho que busca contribuir para a valorização e reconhecimento mais mulheres e mãos brasileiras.



Figura 25: Exposição Retalhos de Memória – Rio de Janeiro, 2009.

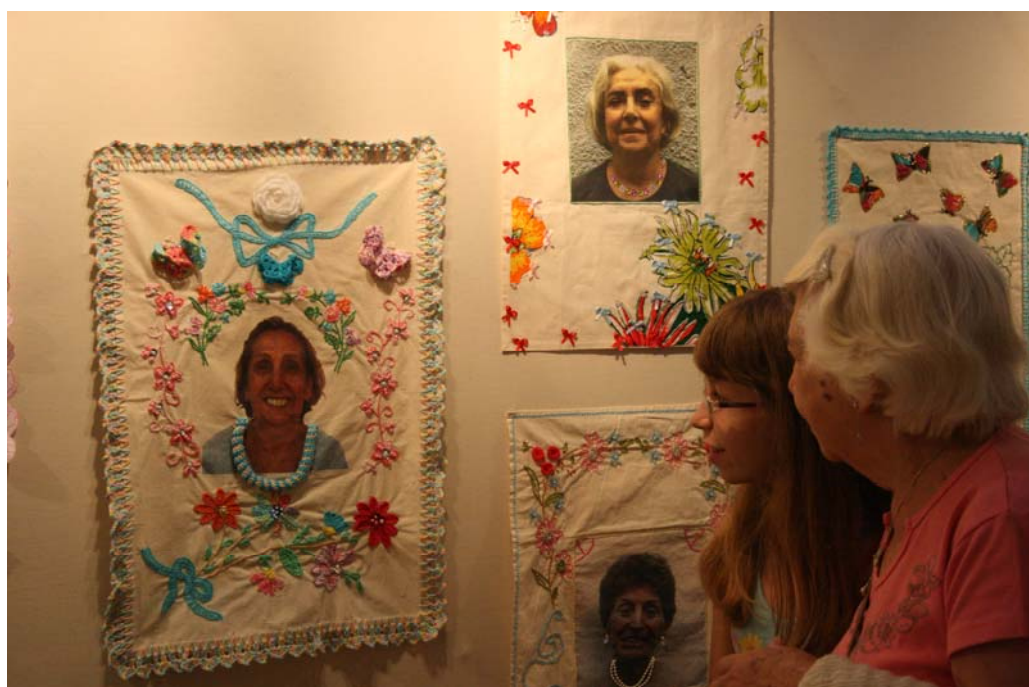


Figura 27: Exposição Retalhos de Memória – Rio de Janeiro, 2009.



Figura 28: Painéis de Fuxico – Exposição, 2007.